

O lugar das notícias na vida das crianças

PATRÍCIA SILVEIRA

ana_da_silveira@hotmail.com
Universidade do Minho

Resumo

A presença das tecnologias da comunicação na vida das crianças tem vindo a constituir-se como um intenso desafio e objeto de debate para os teóricos dos media. Especialmente no caso da internet, têm sido realizadas inúmeras investigações sobre as práticas associadas a este meio.

Além desta, há outras problemáticas do quotidiano merecedoras de atenção por parte dos investigadores. Falamos da atualidade mediática e do seu impacto na vida das crianças. A revisão de literatura sobre o assunto mostra-nos que as pesquisas sobre esta questão são ainda escassas, particularmente no contexto português. Além disso, muitos destes estudos enfatizam os efeitos da exposição a determinados conteúdos, negligenciando os interesses e motivações dos públicos infantis.

Privilegiando uma posição ativa das crianças no seu envolvimento com as notícias, este trabalho dá a conhecer o estado da arte e a proposta metodológica de uma investigação de doutoramento, em curso, que pretende contribuir para o conhecimento sobre a relação entre as crianças e as notícias. Imersas em circunstâncias controversas, importa não esquecer que as crianças também são afetadas por estas questões, sendo necessário perceber de que forma compreendem as mesmas. Desenvolvemos, assim, este trabalho com o propósito de estudar as representações das crianças sobre a atualidade.

Palavras-Chave: Crianças; notícias; representações; literacia

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS E OS MEDIA

Hoje em dia as crianças estão expostas a um ambiente multimidiático, de tal modo que já não é possível compreender os seus mundos como algo separado dos meios de comunicação (Morimoto & Friedland, 2010). Aguaded-Gómez (2011:7) olha para as crianças e jovens de hoje como “gerações interativas” que nasceram e cresceram plenamente num ambiente mediático, rodeadas por televisores, computadores, telemóveis e videojogos.

Baseando-se num estudo espanhol de grandes dimensões, o autor refere que, atualmente, as crianças têm não só acesso a todo o tipo de ecrãs, como adquirem, cada vez mais cedo, competências para lidar com os mesmos. Sendo o seu quotidiano marcado pela presença constante destes meios, o estudo demonstra que as novas gerações recorrem às tecnologias para comunicar, divertir-se e consumir, por exemplo, fazendo compras online (*ibidem*). São, assim, verdadeiros utilizadores autodidatas, não necessitando do apoio dos adultos para aprenderem e descobrirem aquilo que os novos meios têm para oferecer.

Num estudo da autoria de Carmen Lazo (2005) sobre os agentes responsáveis pela mediação no consumo de conteúdos televisivos, em crianças espanholas

com idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, a investigadora refere que estas consomem cerca de 150 minutos de televisão por dia, tendo preferência por conteúdos dirigidos a audiências adultas. A autora enumera as principais razões para as crianças passarem tanto tempo a assistir televisão: trata-se de uma das suas atividades favoritas, possibilita o acesso a plataformas digitais, serve como meio de combate ao aborrecimento, permite-lhes assistirem ao que querem, compensa a falta de outras alternativas, e é uma forma de compartilharem esse tempo com os pais. Lazo (2005) explora este último ponto, considerando que o tempo que as crianças assistem televisão na companhia dos pais é muito positivo e valorizado, não só para quem essa prática é comum, como também para as crianças que habitualmente não o fazem.

Em Portugal, Matos (2008) publicou um estudo no qual assegura que a televisão continua a ser uma presença constante na vida das crianças, desempenhando um papel essencial ao nível da socialização dos mais novos, ao constituir-se como companhia e fonte de modelos de comportamento, atitudes e opiniões. Através da aplicação de um questionário de hábitos televisivos a 820 alunos da região de Coimbra, com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, a autora verificou que a maioria das crianças e adolescentes gosta muito ou muitíssimo de assistir televisão. Nos dias da semana, a maioria dos participantes revelou que vê entre uma a duas horas de televisão, por dia, embora haja uma percentagem significativa de crianças e jovens que admitiu dedicar entre duas a três horas por dia a este *médium*. Aos fins-de-semana e feriados verificou-se a percentagem mais elevada, no que toca aos participantes que dedicam, diariamente, mais de quatro horas à televisão. Assim, apesar do desenvolvimento tecnológico e da proliferação da internet e dos videojogos, Matos (2008) concluiu que a televisão continua a ter uma grande importância na vida destas audiências, justificada também pela fácil acessibilidade a este media, nas habitações. O estudo revelou que a maioria dos lares possui mais do que um televisor, existindo um grande acesso a conteúdos diversificados, na medida em que quase metade da amostra mostrou que possui mais do que os quatro canais portugueses.

Além destes aspetos, importa notar que nos últimos anos as formas mediáticas acessíveis às crianças diversificaram-se e estas tornaram-se, também, consumidoras sofisticadas e competentes, sobretudo para a utilização das novas tecnologias, como a internet ou o telemóvel (Mintz, 2009). Esta penetração dos media nas suas vidas gerou, logo em finais do século XX, uma onda de receios e debates investidos de ansiedade e pânico, sobretudo no seio das sociedades desenvolvidas, de tal modo que há autores, dos quais Neil Postman se vem tornando o rosto mais vezes referenciado, que falam no *desaparecimento* ou *morte* da infância.

Em *The Disappearance of Childhood*, Postman (1994), centrando-se sobretudo na realidade da sociedade americana, considera que a emergência de um mundo simbólico – resultado do aparecimento da fotografia, do cinema e, mais tarde, da televisão – contribuiu para uma mudança radical no estatuto da infância que, segundo advoga, está a desaparecer. Postman aponta como um dos principais motivos para este diluir de fronteiras entre a vida adulta e a infância, a questão do acesso à informação que,

na era mediática e digital, se faz sem necessidade de esforço ou de conhecimento necessários à sua descodificação. O autor sublinha que contrariamente à sociedade literária, em que era necessário o domínio de determinados códigos de linguagem e de escrita para se ter acesso a certos conteúdos ou, como Postman (1994:76) refere, “a todos os segredos guardados da experiência humana”¹, com os meios eletrónicos, especialmente a televisão e o predomínio da imagem, a informação tornou-se acessível a qualquer um, sem ser necessário a aprendizagem de gramática ou vocabulário para o seu entendimento. Ao providenciar a todos o mesmo tipo de conteúdos, a televisão torna possível que as crianças, de forma indiferenciada, acedam a assuntos que, outrora, estavam reservados aos adultos, eliminando-se, desta forma, as principais diferenças entre este grupo e o grupo das crianças,² o que significa que, na prática, estas se tornam adultos. No entanto, apesar de sublinhar a ideia de perda da inocência da infância, por conta da abertura do mundo dos segredos da vida adulta às crianças, Postman esclarece que não pretende que estas devam ser excessivamente protegidas ou privadas do conhecimento sobre estes assuntos, até porque, segundo refere, as crianças não são totalmente ignorantes. Ao contrário, os receios do autor residem no facto de agora tudo lhes ser mostrado, sem mediações ou preocupação com o facto de serem, também, possíveis consumidores daqueles conteúdos.

Na obra *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*, David Buckingham (2000) sublinha que nos debates acerca do *desaparecimento* ou *morte* da infância, os media eletrónicos são vistos como os principais responsáveis, embora refira que a origem das incertezas reside, também, no facto de as crianças estarem a desenvolver maiores capacidades para lidarem com as novas tecnologias, acedendo a formas de cultura diferentes dos pais, escapando assim ao seu controlo. Como possível solução para estes receios, Buckingham (2000) refere que os pais controlam e proíbem o acesso a determinado tipo de conteúdos, como violência ou sexualidade, sobretudo porque têm medo das consequências dessas mensagens para as crianças³. No entanto, ao contrário das visões pessimistas, que considera demasiadamente essencialistas, Buckingham sublinha que, mais do que proibir, é importante que os pais auxiliem e acompanhem a criança nas suas experiências mediáticas, e se consciencializem da importância dos media para a vida destes públicos, especialmente no que toca à definição das suas vivências culturais.

O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE AS NOTÍCIAS: APRESENTAÇÃO DE ESTUDO EXPLORATÓRIO

Os estudos desenvolvidos nos últimos anos sobre a relação entre as crianças e as notícias, mostram-nos que este envolvimento tem sido perspetivado a partir de

¹ Citação traduzida do original: “to all of the recorded secrets of human experience” (Postman, 1994:76).

² Como refere o teórico dos media, se um grupo se caracteriza pela partilha de informação exclusiva entre os seus membros, quando esta passa a estar acessível a todos, deixam de existir barreiras que separem esse grupo, de outros.

³ Nos estudos que realizou, Buckingham (2000) concluiu que a crescente preocupação dos pais em relação ao contato das crianças com estes conteúdos deriva do receio de que estas se tornem emocionalmente instáveis ou perturbadas.

duas tendências: ora através da preocupação com a influência e o impacto de certas mensagens sobre as jovens audiências, ora olhando para os públicos infantis como “um conjunto mais ou menos motivado de consumidores dos media, encarregues da sua própria experiência mediática, mais do que como vítimas passivas” (McQuail, 2003: 371).

Integrado na segunda perspetiva mencionada - direcionada para a importância de dar voz à criança, permitindo que esta expresse os seus pontos de vista no que diz respeito à atualidade mediática - damos conta de um estudo exploratório realizado no âmbito da tese de doutoramento que agora apresentamos. Desenvolvido na Escola de Soutelo (Distrito do Porto), junto de um turma de 15 crianças (8 raparigas, 7 rapazes), de 9 e 10 anos, este estudo teve como principal propósito perceber, partindo do olhar das crianças, que tipo de compreensão, perceções e representações criam em torno das notícias. Partimos do princípio de que as crianças são sujeitos ativos de pleno direito, com competências para se envolverem nos assuntos do quotidiano, criando pontos de vista expressados livremente e em articulação com a sua maturidade.

Metodologicamente, recorreremos à aplicação de uma ferramenta de registo escrito, na qual foi pedido a cada criança que desenvolvesse um pequeno texto para cada uma de três questões específicas: *O que é a informação? Como gostarias que fosse a informação? Como avalias a informação?*

A escolha destas questões partiu da necessidade das crianças falarem sobre as notícias, mostrando o papel e o lugar da informação no seu quotidiano. Tratou-se de um exercício de reflexão livre, pelo que, desde o início, esclarecemos que não haveria respostas certas ou erradas.

Os resultados obtidos mostram-nos que as crianças conhecem os assuntos veiculados nos media noticiosos, apesar de demonstrarem pouca vontade em assistir às notícias. As crianças apontam a idade como principal justificação para essa apatia. Apenas uma criança mencionou ter interesse pelas notícias, pelo facto de estas lhe permitirem saber o que “vai acontecer no mundo” (rapariga, 9 anos).

A televisão é o meio preferencial de contato com os temas da atualidade, embora o jornal e a rádio tenham sido igualmente referenciados, ainda que por apenas duas crianças. Este aspecto revela, tal como outros estudos têm vindo a demonstrar, que a televisão está presente na maioria dos lares. Além de ser o principal instrumento de ocupação dos tempos livres das crianças, é também o meio preferencial através do qual as famílias conhecem os assuntos da atualidade, permitindo o acesso das crianças aos mesmos.

Apesar do aparente desinteresse, as crianças conhecem os temas da atualidade, sobretudo aqueles direcionados para a política, a economia e a segurança. A falta de emprego associada à crise económica, as guerras, as catástrofes/desastres naturais e os assaltos/crimes são as temáticas mais vezes referenciadas.

“As notícias que eu mais ouço são sobre política e sobre a crise em que se encontra o nosso país (...)O meu interesse pela informação, na minha idade é pouco.” (rapariga, 9 anos)

“As notícias que eu ouço falar mais são: política, desporto, guerra e assaltos. As notícias que eu considero mais importantes são: desporto e tecnologias (...) Eu não me interesso muito pelas notícias.” (rapaz, 9 anos)

De modo geral, persiste a ideia de que as notícias retratam maioritariamente temas negativos, associados à violência e à crise económica. Por esse motivo, quando colocadas na perspetiva de serem elas próprias, jornalistas, as crianças sublinham a necessidade de veiculação de temas mais positivos. A este respeito, há uma criança que reconhece a influência das notícias sobre violência, especificamente sobre o público infantil. Uma outra revela que se sente afetada pelas notícias relativas à crise económica.

“As notícias que eu mais ouço são sobre política e sobre a crise económica em que se encontra o nosso país. Estas notícias deixam-me triste.” (rapariga, 9 anos)

Por outro lado, parece persistir a ideia de que a agenda dos media determina e estrutura o espaço público. Isto porque as crianças referem que é necessário que as notícias deixem de retratar frequentemente temas associados à crise, de modo a que os cidadãos deixem de pensar e falar sobre isso.

“Nas notícias, eu escolhia todos os acontecimentos que servissem para levantar a autoestima dos portugueses, já que por vezes só a crise é notícia.” (rapaz, 9 anos)

“Nas notícias eu mudava a política porque é tempo de sairmos da crise e deixarmos de falar disso.” (rapariga, 9 anos)

Por último, foi pedido às crianças que avaliassem as notícias. A maioria concedeu uma avaliação positiva, e embora considere que são transmitidos muitos acontecimentos negativos, reconhece que os media são a mais importante fonte de informação a que o cidadão comum tem acesso. Porém, há crianças que se mostram reticentes não só em relação aos conteúdos noticiosos, como também em relação ao trabalho dos jornalistas, considerados exagerados no relato dos acontecimentos.

As respostas obtidas revelam a existência de sentido crítico das crianças face ao produto noticioso, sendo este aspeto fundamental para a sua formação como cidadãos participativos e intervenientes. Contudo, consideramos, tal como David Buckingham, que é necessário que exista uma maior aproximação destes media às audiências infantis, de modo a cativar a sua atenção. Isto porque, apesar de conhecerem os temas veiculados nas notícias, as crianças revelaram sentir-se pouco atraídas pelos mesmos. Isto parece ser igualmente resultado da uniformidade e pessimismo associados aos temas retratados, e da pouca atenção dada aos mais novos, não considerados, ainda, verdadeiras audiências.

OBJETIVOS E QUESTÕES DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho parte da necessidade de se desenvolverem mais pesquisas que optem por linhas de investigação que privilegiem as motivações e os interesses das crianças na sua relação com a atualidade mediática. Partilhamos a opinião de

McQuail (2003), quando refere ser necessário encarar este envolvimento a partir de uma perspetiva sociocêntrica, isto é centrada no papel ativo e crítico dos públicos, neste caso, infantis. Mesmo nos estudos internacionais, são poucos os autores preocupados com a consideração dos pontos de vista das crianças. A maioria dos trabalhos tem optado por auscultar os olhares de adolescentes, talvez pela dificuldade em absorver as especificidades e complexidades dos discursos infantis e pelo facto de, em determinados contextos, ainda imperarem visões exclusivamente protecionistas e com pouca abertura para ouvir as crianças.

Perante este cenário, consideramos que esta pesquisa é orientada por um conjunto de pressupostos essenciais ao seu desenvolvimento. Desde logo, parte da consideração pelos sentidos construídos pelas crianças sobre assuntos que não dizem respeito somente aos adultos. Reconhece o seu estatuto social como cidadãos, e argumenta que o mesmo contribui para tornar real a oportunidade de estas fazerem parte da esfera pública. Concordamos com Evelyne-Bévort, do CLEMI4, quando a mesma refere que envolver e despertar as crianças para os assuntos da atualidade constitui-se como um importante passo para a consciencialização e incentivo à reflexão crítica sobre os media e o seu papel na sociedade .

Esta questão não se encontra completamente afastada de uma outra, ligada à consideração pelos direitos de participação das crianças. Concretamente os artigos 12º e 13º da Convenção sobre os Direitos da Criança relevam a importância do respeito pela liberdade de expressão destes agentes, devendo os seus pontos de vista ser ouvidos com a máxima seriedade. O art.12º, especialmente, insiste na visibilidade da criança, reconhecendo o seu estatuto na sociedade e a necessidade de existir um esforço de articulação na relação adultocriança, sustentado pelo papel do primeiro em respeitar a dignidade da criança, desenvolvendo, para esse fim, estratégias de trabalho mais colaborativas e em articulação com as suas vidas (Lansdown, 2001). Esta questão está, de facto, muito presente nos estudos da infância e, ao mesmo tempo, torna-se também saliente no âmbito das investigações que procuram trabalhar a relação entre os conteúdos mediáticos e estas audiências. Considerar que a criança, de acordo com a sua idade e maturidade, deve exprimir-se e ver reconhecida a sua opinião sobre os mais variados temas, implica que no âmbito do estudos dos media e dos seus públicos, se possa considerar estes pontos de vista também em relação às notícias. Sobretudo num contexto controverso e problemático, em que diariamente notícias incertas e polémicas (como a crise económica e política) povoam os jornais, as televisões, as rádios e a internet, torna-se essencial perceber de que modo as crianças compreendem estas questões, e que sentidos são construídos a partir dos textos mediáticos.

Nesse âmbito, este estudo afasta-se de um conjunto de orientações que, inevitavelmente, continuam a permanecer em muitas esferas da vida pública, influenciando o “estatuto social e político da infância” (Fernandes, 2005: 136). Ao encarar as crianças como agentes sociais, dinâmicas nas suas vozes e ações, estamos conscientes da complexidade dos seus discursos, considerando, no entanto, que é na

procura pelos sentidos produzidos que reside um dos grandes desafios de trabalhar com indivíduos *sui generis*. Por outro lado, esta pesquisa tem presente a alteridade e a diversidade da infância, o que significa ter em mente que as representações deste grupo são singulares, não podendo, assim, assumir-se generalizações.

Do lado dos media e, mais especificamente, das mensagens noticiosas, como já aqui foi mencionado no marco teórico, partimos do princípio de que estas nos oferecem representações que, inevitavelmente, configuram o nosso modo de olhar a realidade. Este é um importante pressuposto, já que procura traduzir a imagem do lugar dos media no quotidiano dos cidadãos. Os media atuam como formas de expressão simbólica, (re)configurando a realidade objetiva. Apesar de, para alguns, os meios de comunicação, especialmente as empresas jornalísticas, reforçarem as ideologias dominantes, não se pode negar que são elementos essenciais para o equilíbrio e manutenção das sociedades democráticas. É por estes motivos que se torna relevante perceber como é que os cidadãos, neste caso, as crianças, interpretam aquilo que os media transmitem. As notícias são a fonte de muitas conversas, marcando a agenda dos públicos. Interessa saber o que é que as crianças pensam sobre tudo isto, sobre as notícias, que tipo de conhecimento retiram e como é que o seu entendimento do mundo é feito. Será que os media entram nesse processo?

Atendendo aos pressupostos mencionados, esperamos debater sobre a forma como as crianças representam a atualidade. Mais concretamente, equacionamos de que modo estes públicos se relacionam com as notícias, que sentidos constroem a partir dessas mensagens e, ainda, qual a implicação desses sentidos para o modo como a criança cria referências para se situar no mundo.

Tendo em vista as principais questões de investigação, delineamos os seguintes objetivos:

- Contribuir para o conhecimento sobre a relação entre as crianças e as notícias;
- Conhecer e descrever os tipos de acesso e uso dos media disponíveis, pelas crianças, tendo em conta outras atividades do seu quotidiano;
- Identificar e compreender o modo como as crianças representam as notícias, mediante o conhecimento acerca do acesso, acompanhamento, interesse e preferências relativamente ao discurso noticioso;
- Conhecer e descrever as fontes de acesso mais significativas aos acontecimentos locais e globais;
- Caracterizar o papel mediador dos agentes de socialização, particularmente da família, na relação que as crianças estabelecem com as notícias;
- Analisar o conhecimento e as representações que as crianças possuem sobre os seus direitos;
- Analisar a relação entre a escola e as notícias, considerando o papel desta instituição na promoção dos direitos de participação das crianças face aos media, e na promoção da literacia para a informação;
- Contribuir para a sustentação de medidas interventivas (ao nível social, político e educativo) a desenvolver no plano da literacia para a informação, especialmente no que aos mais novos diz respeito.

OPÇÃO METODOLÓGICA

Metodologicamente, optamos pela utilização de técnicas de âmbito quantitativo e qualitativo junto de crianças dos 9 aos 10 anos de idade, correspondente aos alunos que se encontram a frequentar o 4º ano de escolaridade. Deste modo, a recolha dos dados será feita em escolas do 1º ciclo, do ensino básico.

Numa primeira fase, iremos aplicar um inquérito por questionário às crianças do 4º ano a frequentar as escolas do Concelho de Paredes, Distrito do Porto. Neste Concelho há cerca de 32 escolas, pelo que se estima que o inquérito seja aplicado aos cerca de 1000 alunos que integram aquele ano de escolaridade. O questionário pretende aferir um conjunto de elementos ligados ao modo como as crianças se relacionam e representam as notícias, atendendo à existência de um conjunto complexo e diversificado de fatores pessoais e contextuais que se encontram inerentes à construção dessas percepções.

Numa segunda etapa, adotaremos uma técnica de índole qualitativa, nomeadamente grupos de discussão. A realização destes grupos envolverá cerca de 50 alunos que serão selecionados a partir da amostra usada no inquérito por questionário. Deste modo, procuramos obter dados que o inquérito por questionário não permite, complementando e aprofundando a análise. Os grupos de discussão constituem-se como uma forma privilegiada de dar voz às crianças e de fomentar o debate em torno da temática pretendida, permitindo a participação de todas elas. Neste caso, será pertinente escolher alguns acontecimentos da atualidade como objeto de discussão, incentivando o debate e o confronto de opiniões. Esta técnica permitir-nosá obter dados diversos, ajudando a perceber qual o modo de compreensão das crianças relativamente a determinados assuntos e qual a sua conceção sobre o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguaded-Gómez, J. I. (2011). Niños y Adolescentes: Nuevas Generaciones Interactivas. *Comunicar*, XVIII, 36, 7-8.
- Buckingham, D. (2000). *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of ElectronicMedia*. Cambridge: Polity Press.
- Fernandes, N. (2005). *Infância e Direitos : Participação das Crianças nos Contextos de Vida : Representações, Práticas e Poderes*. Tese de doutoramento. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Lansdown, G. (2011). *Promoting Children's Participation in Democratic Decision-Making* [On line]. UNICEF INNOCENTI RESEARCH CENTRE. Disponível em <http://www.unicef-irc.org/publications/pdf/insight6.pdf>. Acesso em 18.06.2012.
- Lazo, C. M. (2005). Agentes Mediadores y Responsables del Consumo Infantil de Televisión: Familia, Escuela y Medios de Comunicación. *Revista Comunicación y Hombre*, 1, 19-34.
- Matos, A. (2008). Ver TV em Família. *Comunicar*, XVI, 31, 121-127.
- McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mintz, S. (2009). *Children's Culture*. Re-Staging Childhood Conference. Utah State University, Bear Lake, Utah, 6-10 Agosto 2009. Disponível em http://www.usu.edu/anthro/childhoodconference/pages/reading_material.html. Acesso em 21.03.2013.

Morimoto, S. & Friedland, L. (2010). The Lifeworld of Youth in the Information Society. *Youth Society*, XX, X, 1-19.

Postman, N. (1994). *The Disappearance of Childhood*. New York: Vintage Books.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.

Financiamento

Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do QREN-POPH (Tipologia 4.1 – Formação Avançada), participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC. Referência da bolsa: SFRH / BD / 80918 / 2011.